

Estudo revela como ficaram as atividades agrícolas depois que milhões de brasileiros migraram para as cidades

## De volta ao subemprego (no campo)

ANTONIO ROBERTO FAVA  
fava@unicamp.br

Grande parte da população que reside no meio rural já não se ocupa de atividades puramente agrícolas. Pressionadas pelo processo de modernização da agricultura e pela expulsão da mão-de-obra para o meio urbano, milhões de pessoas, nas décadas de 60 e 70, deixaram o campo. O que poderia representar o sonho de uma vida melhor e mais tranqüila, começa então a transformar-se em algo incômodo, quase um pesadelo, provocado pela retração econômica dos anos 80, culminando com o desemprego em massa dos anos 90.

A dissertação de mestrado do economista Carlos Alves do Nascimento – Evolução das Famílias Rurais no Brasil e Grandes Regiões: Pruriatividade e Trabalho Doméstico: 1992-1999 —, apresentada ao Instituto de Economia (IC) da Uni-

camp, sob a orientação do professor José Graziano da Silva, mostra como ficaram as atividades agrícolas depois desse êxodo rural no Brasil.

“A modernização da agricultura reduziu as ofertas de emprego de grande parte da população residente hoje em fazendas, chácaras e sítios, que acabou sendo alijada de qualquer atividade agrícola. Essa modernização significa o emprego de máquinas, de tratores, a aplicação de defensivos agrícolas e fertilizantes, que elevaram a produtividade e o preço da terra, mas acabaram por reduzir o trabalho braçal”, avalia. Conseqüência: esse processo leva a agricultura a abrir mão do trabalhador.

Se por um lado, segundo o pesquisador, esse fenômeno acabou provocando um inchaço considerável nas cidades, provocando a violência do meio urbano, entre outros fatores, por outro lado começa a ocorrer um outro

Máquinas e defensivos agrícolas elevaram a produtividade e o preço da terra, mas alijaram a mão-de-obra



Foto: Neldo Cantanti

O economista Carlos Alves do Nascimento: “Modernização da agricultura reduziu as ofertas de emprego”

fenômeno: famílias de classe média deslocam-se para o meio rural. Isso faz

com que cresça no campo um outro tipo de emprego: de empregadas domésticas, de jardineiros e de uma série de outras atividades. Todas de baixa qualificação, em virtude também da estagnação econômica, registrada nas últimas décadas, e que não tem gerado ocupações produtivas. Muitas dessas pessoas ocuparam também funções em serviços públicos, escolas, postos de saúde, hospitais e agência de correios, por exemplo.

Essas ocupações não-agrícolas que estão se proliferando entre os residentes no meio rural brasileiro, não necessariamente estão todas sendo geradas no campo, mas podem estar se desenvolvendo nas pequenas cidades do entorno. Mas o que importa, segundo observação de Carlos Nascimento, é que essas pessoas estão ‘voltando’ a residir no espaço rural, independentemente da sua ocupação ser no campo ou na cidade”.

Em termos de renda, o pesquisador da Unicamp chegou à conclusão de que as famílias residentes no meio rural, que combinam atividades agrícolas com trabalho doméstico remunerado, apresentam renda superior às daquelas em atividades estritamente agrícolas.

## A importância da terapia para o futuro psicólogo

MARIA ALICE DA CRUZ  
halice@unicamp.br

As sessões de psicoterapia são apenas sugeridas a futuros psicólogos. Muitos, por iniciativa própria, optam por consultar um terapeuta antes de começar a clinicar. Formada em psicologia clínica, a pesquisadora da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp Cláudia Márcia Archanjo obteve o título de doutora mostrando a importância da realização de psicoterapia com grupos de estudantes de psicologia.

Ao fazer uma investigação com grupos de atendimento psicoterápico e outros de supervisão, formados por alunos do curso de psicologia da Universidade São Francisco, de Itatiba, Cláudia descobriu que os fenômenos psíquicos vivenciados pelos dois grupos eram os mesmos. A psicóloga explica que a supervisão consiste num grupo de reflexão voltado para a aprendizagem. O objetivo é propiciar a seus alunos a oportunidade de vivenciar na universidade a realidade do trabalho de um psicoterapeuta. Ela acredita que, descobrindo suas próprias inquietações dentro de um trabalho conjunto, os estudantes saberão, futuramente, qual o melhor procedimento em relação a determinado grupo ou paciente.

Entre os fenômenos encontrados na investigação de Cláudia o que se destaca é a assunção de funções. Este é o momento em que, segundo a psicóloga, as

Supervisão é feita por um grupo de reflexão voltado para a aprendizagem



Foto: Neldo Cantanti

Cláudia Márcia Archanjo: alunos precisam vivenciar a realidade do trabalho de um psicoterapeuta

peças começam a conhecer suas características e seus limites. A definição de papéis acontece naturalmente, dentro da própria dinâmica do campo emocional que só o trabalho em grupo pode proporcionar.

A tese defendida por Cláudia pode contribuir para desmistificar problemas em qualquer área disciplinar que tenha como objetivo a formação de profissionais designados a trabalhar com pessoas. Num momento

em que as áreas de conhecimento se ampliam e o leque de opções profissionais também, as instituições de ensino investem muito mais em informação do que em formação pessoal. Na opinião da professora, a evolução fez com que o homem investisse pouco em autoconhecimento. “Se não investimos em aspectos emocionais, temos um homem que só agride e destrói”, defende.